



## CRÍTICA À DEFINIÇÃO DE OCIDENTE DE PHILIPPE NEMO

### CRITIQUE ON PHILIPPE NEMO'S DEFINITION OF WEST

André Ricardo dos Santos Lopes<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8200-9521>

Submissão: 12/07/2024

Aprovação: 26/08/2024

#### RESUMO:

Neste trabalho será realizada a análise crítica da definição de Ocidente proposta pelo filósofo francês Phillippe Nemo, presente em seu livro *Qu'est-ce que l'Occident*, publicado em 2004. Para tanto, serão realizados: a observação a concepção de Ocidente de Phillippe Nemo na obra escolhida; o apontamento de aspectos problemáticos e etnocêntricos de sua proposta; e uma análise da sua argumentação acerca dos diálogos interculturais e suas limitações. Este trabalho se justifica a partir da necessidade de se debater o papel do conceito de Ocidente frente aos demais povos no atual contexto das relações internacionais e interculturais. A hipótese de trabalho é a de que a concepção de Ocidente proposta por Nemo possui uma fundamentação superficial, com diversas lacunas, e está imersa em etnocentrismo. O objetivo geral deste trabalho é o de analisar a concepção de Ocidente de Phillippe Nemo. Já seus objetivos específicos são: observar os argumentos utilizados pelo autor; levantar as lacunas e o etnocentrismo em seu pensamento; e propor complementações e alternativas a este pensamento. O presente trabalho utilizará como método o levantamento bibliográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ocidente. Globalização. Interculturalidade. Filosofia. Crítica.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Direitos Humanos (PPGD FDUSP). Especialista em Justiça Constitucional e Tutela Jurisdicional dos Direitos (Università di Pisa) e em Direito Internacional Aplicado (ESA OAB-SP; Ebradi). Bacharel em Direito (PUC-SP) e História (FFLCH-USP). Pesquisador do CIDHSP/APD, da Academia Paulista de Direito, vinculado à Cadeira SanTiago Dantas. Advogado. E-mail: [andre.ricardo.lopes@alumni.usp.br](mailto:andre.ricardo.lopes@alumni.usp.br) - Ark:/80372/2596/v14/006

**ABSTRACT:**

In this work, a critical analysis of the definition of West proposed by the French philosopher Phillippe Nemo, present in his book *Qu'est-ce que l'Occident?*, published in 2004, will be realized. For this purpose, the following will be carried out: the observation of Philippe Nemo's conception of the West in the chosen work; pointing out problematic and ethnocentric aspects of his proposal; and an analysis of his argument about intercultural dialogues and their limitations. This work is justified by the need to debate the role of the concept of the West in relation to other peoples in the current context of international and intercultural relations. The hypothesis of this work is that the conception of the West proposed by Nemo has a superficial foundation, with several gaps, and is immersed in ethnocentrism. The general objective of this work is to analyze Phillippe Nemo's conception of the West. Its specific objectives are: to observe the arguments used by the author; to raise the gaps and ethnocentrism in his thinking; and propose complements and alternatives to his thought. The present work will use the bibliographic survey as a method.

**KEYWORDS:** West. Globalization. Interculturality. Philosophy. Critique.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho será realizada a análise crítica da definição de Ocidente proposta pelo filósofo francês Phillippe Nemo, presente em seu livro *Qu'est-ce que l'Occident?*, publicado em 2004.

Para tanto, primeiramente, será observada a concepção de Ocidente de Philippe Nemo na obra escolhida. Em seguida, será realizado o apontamento de aspectos problemáticos e etnocêntricos de sua proposta. Por fim, será realizada uma análise da sua argumentação acerca dos diálogos interculturais e suas limitações, apresentadas ao fim do seu livro.

Este trabalho se justifica a partir da necessidade de se debater a validade e o papel do conceito de Ocidente frente aos demais povos no atual contexto das relações internacionais e interculturais.

A hipótese aqui trabalhada é a de que a concepção de Ocidente proposta por Nemo possui uma fundamentação superficial, com diversas lacunas, e está imersa em etnocentrismo.

O objetivo geral deste trabalho é o de analisar a concepção de Ocidente de Phillipe Nemo. Já seus objetivos específicos são: (1) observar os argumentos utilizados pelo autor; (2) levantar as lacunas e o etnocentrismo em seu pensamento; e (3) propor complementações e alternativas a este pensamento.

A fim de alcançar estes objetivos, o presente trabalho utilizará como método a análise crítica do texto do autor escolhido, bem como o levantamento bibliográfico de obras que possam contribuir com este debate, inclusive obras citadas pelo próprio autor.

## 2. A CONCEPÇÃO DE OCIDENTE DE PHILIPPE NEMO

O autor escreve o texto justificando-se na necessidade de se definir o que é o Ocidente frente às crises geopolíticas do século XXI – integração cultural de imigrantes vindos dos recentes fluxos migratórios, mundialização econômica, terrorismo e armas de destruição em massa –, estas que poderiam induzir até um divórcio entre a Europa e América do Norte (o autor utiliza o termo *Amérique du Nord*, mas não considera o México, como na definição geográfica). Diz também que, hoje em dia, vislumbra-se também uma sociedade culturalmente plural. Para tanto, o autor baseia-se no “Ocidente” como um conjunto cultural de valores e instituições comuns entre certos povos, mas que os distinguem de outras culturas de outros povos.

Portanto, o autor define a “Civilização Ocidental” por: *o Estado de direito, a democracia, as liberdades Intelectuais, a racionalidade crítica, a ciência, uma economia baseada na propriedade privada*<sup>2</sup>. Tais valores seriam resultado de uma longa construção histórica. E a morfogênese cultural do Ocidente seria totalmente fundada em cinco acontecimentos essenciais:

*1. A invenção, pelos gregos, da Cidade, da liberdade sob a lei, da ciência e da escola;*

<sup>2</sup> Trecho original: “[...] l'État de droit, la démocratie, les libertés intellectuelles, la rationalité critique, la science, une économie de liberté fondée sur la propriété privée.” (NEMO, Philippe. *Qu'est-ce que l'Occident?*. Paris: PUF, 2004, p. 7, tradução minha).

2. *A invenção, por Roma, do Direito, da propriedade privada, da noção de 'pessoa' e do Humanismo;*

3. *A revolução ética e escatológica da Bíblia: a caridade prevalece sobre a justiça, e o tempo linear, o tempo da História, é posto sob tensão escatológica;*

4. *A 'Revolução Papal', do século XI ao XIII, que preferiu utilizar a razão sob duas configurações – Ciência Grega e Direito Romano – para inscrever a ética e a escatologia bíblicas na História, realizando assim a primeira síntese verdadeira entre 'Atenas', 'Roma' e 'Jerusalém';*

5. *A promoção da democracia liberal consumada pelo que se convencionou designar como as grandes revoluções democrática (Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, França e, depois, sob diferentes formas, todos os outros países da Europa Ocidental). Como o pluralismo – nos três campos: ciência, política e economia – é mais eficaz que uma ordem natural ou artificial, este último acontecimento conferiu ao Ocidente uma dinâmica de desenvolvimento sem precedentes, permitindo-lhe engendrar na modernidade<sup>3</sup>.*

Algumas destas características chegariam, mais tarde, a influenciar também civilizações não ocidentais, porém a autenticidade do Ocidente seria justamente ser modelado *unicamente* por estes cinco acontecimentos. Após apresentar os cinco pontos, o autor procura expor, na obra, de modo esquemático, tal morfogênese. Pretende enfatizar alguns de seus

<sup>3</sup> Trecho original: “1 / l'invention de la Cité, de la liberté sous la loi, de la science et de l'école par les Grecs ;

2 / l'invention du droit, de la propriété privée, de la « personne » et de l'humanisme par Rome;

3 / la révolution éthique et eschatologique de la Bible: la charité dépassant la justice, la mise sous tension eschatologique d'un temps linéaire, le temps de l'Histoire ;

4/ la «Révolution papale» des XIe-XIIIe siècles, qui a choisi d'utiliser la raison humaine sous les deux figures de la science grecque et du droit romain pour inscrire dans l'histoire l'éthique et l'eschatologie bibliques, réalisant ainsi la première véritable synthèse entre « Athènes », « Rome » et « Jérusalem » ;

5 / la promotion de la démocratie libérale accomplie par ce qu'il est convenu d'appeler les grandes révolutions démocratiques (Hollande, Angleterre, États-Unis, France, puis, sous une forme ou une autre, tous les autres pays de l'Europe occidentale). Le pluralisme étant plus efficace que tout ordre naturel ou que tout ordre artificiel dans les trois domaines de la science, de la politique et de l'économie, ce dernier événement a conféré à l'Occident une puissance de développement sans précédent qui lui a permis d'engendrer la Modernité.” (*Ibid.*, p. 7-8, tradução minha).

traços abstratos, mostrando o modo pelo qual se organizaram para criar o espírito peculiar dos ocidentais de nossos dias.

Para evitar cair no essencialismo, o autor usa como metodologia a definição de Ocidente “*não como um povo, mas sim como a cultura constituída sucessivamente de vários povos*”<sup>4</sup>. Homens de diferentes etnias que, voluntariamente, assumiram valores estranhos aos de seus grupos de origem; assumindo, portanto, uma filiação espiritual que não correspondia à de sua origem, seja ela biológica, seja étnica, acompanhando a livre escolha de seus dirigentes e pensadores. Segundo Nemo, os valores e as instituições construídos no decorrer da história cultural do Ocidente pertencem ao que o filósofo Karl Popper designou como o “mundo 3”<sup>5</sup> – o das ideias, representações, doutrinas e realidades propriamente culturais. “*Atualmente, esse acervo está acessível a qualquer povo do planeta; portanto, nesse aspecto, não há nenhuma propriedade exclusiva. O processo do essencialismo está fora de questão*”<sup>6</sup> – mesmo que o autor não tenha argumentado o suficiente para deixar de lado a falha do essencialismo.

### 3. CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE OCIDENTE DE NEMO

A definição de Nemo sobre Ocidente é consideravelmente etnocêntrica e problemática. O que é geograficamente definido por Nemo como Ocidente é a América Anglo-Saxônica e a Europa Ocidental. Esta visão é excessivamente etnocêntrica – chegando ao ponto de ser até mesmo racista – e remove do “Ocidente” todo tipo de influência alheio a ele. Põe-se como o Ocidente o que se convencionou como “branco/europeu” e “rico”, “desenvolvido”.

A América Latina, por exemplo, é completamente excluída desta “equação”. O próprio conceito de América Latina também é extremamente difícil de se definir, bem como ela possui tantas diversas características semelhantes à América Anglo-Saxônica e à Europa quanto estas possuem de diferença entre si. Por exemplo, existem semelhanças religiosas com a Europa, que, por sua vez, são diferentes da América Anglo-Saxônica – predominantemente de moral Protestante, se aproximando de uma teocracia, dado o caráter providencial de seu

<sup>4</sup> Trecho original: “L' « Occident » que je cherche à définir n'est pas un peuple, mais une culture successivement portée par plusieurs peuples.” (*Ibid.*, p. 9, tradução minha).

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>6</sup> Trecho original: “Elles sont accessibles aujourd'hui à tous les peuples du monde, s'ils les trouvent bonnes, et il n'y a donc là aucune propriété exclusive. Le procès d'essentialisme est hors sujet.” (*Ibid.*, p. 10, tradução minha).

Discurso da Nação e seu Imperialismo –. Ou podemos considerar as semelhanças de formação étnica e histórica com a América Anglo-Saxônica: seu passado colonial, ideologias liberais, repressão indígena, escravidão africana, sincretismo cultural, entre outras.

Nota-se também que tal definição de Ocidente, que exclui o Leste Europeu. Portanto a obra aqui analisa parece estar ainda permeada pela mentalidade da Guerra Fria, com tal Ocidente coincidindo com o que era definido como Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Outro ponto extremamente problemático da sua argumentação é a sua apropriação da História. É feita de forma excessivamente rasa, citando alguns pontos históricos específicos e fora de contexto – o que é fatal para a devida escrita da história. O autor desconsidera outros pontos que influenciariam a Europa Ocidental e a América Anglo-Saxônica em sua morfogênese – por exemplo, escravidão africana na América do Norte. Ou até mesmo fatores externos ao “Ocidente”, mas que o influenciou drasticamente – as invenções chinesas, o monoteísmo, a alimentação dos ameríndios que salvara a Europa da estiagem alimentar, a Revolução Russa, a Peste Negra, entre outras.

Além disso, de maneira gravíssima, o autor esvazia a história da colonização e o imperialismo de conflito, dominação e violência, dando a impressão, realmente, que o “Ocidente” foi formado por um grande consenso de “indivíduos civilizados e racionais”<sup>7</sup>.

O método do autor e seus critérios, portanto, de tal definição está permeado - ainda que de forma inconsciente - de um senso comum preconceituoso e imperialista. O autor foca em certas diferenças – assim como exclui a América Latina e o Leste Europeu – mas ignora completamente diversas diferenças entre os povos que define como Ocidente; gerando apenas um lastro de legitimidade para a sua tese.

Nemo demonstra conhecer apenas a França, seu país, e mais um rol de países ocidentais aos quais dá a devida importância. Visivelmente ignora os demais contextos, ainda que se utilize de uma aparente consideração aos “Outros”, citando o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss<sup>8</sup>, no texto *Race et Histoire*, de 1952. Em *Race et Histoire*, ensaio encomendado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial para derrubar o Racismo Científico, que levou à conhecidas atrocidades até então, Lévi-Strauss argumenta sobre a não existência de uma relação de superioridade e inferioridade entre as raças e as distintas manifestações

---

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 123.

culturais que se observa na humanidade<sup>9</sup>. Contudo, a despeito de citar este texto do principal representante da Antropologia Estrutural, Nemo apresenta uma visão de mundo eurocêntrica em diversos pontos do seu livro.

Além disso, Nemo não faz a devida distinção entre as concepções de “civilização” (*civilisation/civilization*), do contexto francês e inglês, e “cultura” (*kultur*), do contexto alemão, que seria de suma importância para definir certos preceitos do autor. Para tanto, deveria observar a obra *Über den Prozeß der Zivilisation*<sup>10</sup>, de 1939, do sociólogo alemão Norbert Elias, na qual, em seu primeiro volume, apresenta a construção histórica e social e a distinção destes conceitos.

Segundo Elias, o conceito de civilização é uma autoimagem do Ocidente, que se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas, porém “primitivas”. Mesmo dentro de nações ocidentais civilização não significa a mesma coisa. *Civilisation*, no contexto francês e inglês, mais relacionada a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais, referia-se a um sentimento de orgulho por suas ações no progresso do ocidente e da humanidade; realizações, atos ou à comportamentos, atitudes, valores. Abrange, minimizando diferenças. Características de uma nação imperialista, expansiva, colonizadora. Já no contexto alemão, “civilização” possuía um caráter secundário, sendo seu orgulho nacional mais ligado ao conceito de *kultur*. Mais relacionada a fatos intelectuais, artísticos e religioso, com nítida separação da Política e da Economia, a *kultur* era um conceito característico de uma sociedade de cujo Estado obteve uma união tardia, com instabilidade de territórios e muitas disputas, que precisava se afirmar frente aos Estados mais antigos. Além disso, dividia-se nos conceitos de: *kultur* e *kulturell* (referente a ações); e *kultivert* (referente a valores)<sup>11</sup>. Enquanto a *civilisation* seria algo como uma tecnologia, que se originou em um contexto específico e deveria ser levado por aquelas nações que “a possuíam” para as outras que “não a possuíam”, a *kultur* seria algo que todas as nações possuíam, desenvolvidas de formas distintas, mas de semelhante valor.

Como observado na obra analisada, o pensamento de Nemo parece ainda refletir esta mesma ideia de *civilisation* do contexto francês.

No mais, ao definir o Ocidente, vale abordar o debate acerca do que é seria o Oriente, bem como onde entraria a América Latina e a África. Sobre a construção do que é o Oriente, é inevitável observar a obra *Orientalism*, do professor de literatura palestino-

<sup>9</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire*. Paris: Denoël; Unesco, 1987.

<sup>10</sup> Cf. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, volume 1: Uma história dos costumes* (Título original: *Über den Prozeß der Zivilisation, vol. 1*). Tradução de Ruy Jungman. 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 23-64.

estadunidense Edward Wadie Said, publicada em 1978. Em *Orientalism*, Said critica as representações culturais que fundamentam Orientalismo: como o mundo ocidental percebe o Oriente<sup>12</sup>. Desta forma, o Oriente não é um grupo coeso de culturas semelhantes, com uma história em comum, mas uma construção do Ocidente para englobar tudo aquilo que não é ele mesmo, sua antítese.

Portanto, o próprio Nemo acaba incidindo nos equívocos aos quais aponta e critica no que chama de “‘ecumenismo’ à maneira de Jurieu” (*l' « oecuménisme » à la Jurieu*)<sup>13</sup>, ao utilizar os fatos e dados à sua maneira, esquecendo alguns pontos de conflito inconvenientes, lembrando-se de certas semelhanças, para sustentar sua tese de “Ocidente”.

Por fim, vale notar que *Qu'est-ce que l'Occident?* foi escrito em 2004, imerso em um contexto de medo na América Anglo-Saxônica e na Europa Ocidental após o ataque de 11 de setembro de 2001. Então é possível que este fortalecimento de uma identidade Ocidental frente aos “Outros”, “não-civilizados” que não partilham dos mesmos valores e instituições liberais, e o ressurgimento de teorias que reforçam esta ideia, sejam o cenário que levaram o autor à escrita e às conclusões deste livro.

#### 4. O DIÁLOGO INTERCULTURAL PARA NEMO

Na conclusão do seu livro, a preocupação central de Nemo é no papel que há Ocidente na paz, o progresso e entendimento entre as civilizações que, de agora em diante, com o processo de mundialização, precisarão conviver com uma única História. Sendo assim, há a necessidade de se pensar a superação da contradição entre o cosmopolitismo necessário – para que ocorram tais relações – e a heterogeneidade das culturas – tão importante para o desenvolvimento completo da potencialidade humana, até mesmo, para a sua sobrevivência.

Para o autor, é impossível aceitar o multiculturalismo ou a mestiçagem cultural – segundo ele, as fórmulas que estão “na moda”. O autor define o multiculturalismo como algo tão absurdo “quanto um jogo em que cada participante pretendesse jogar segundo suas próprias regras”<sup>14</sup>. A mestiçagem cultural, que, para o autor, consistiria em “procurar o

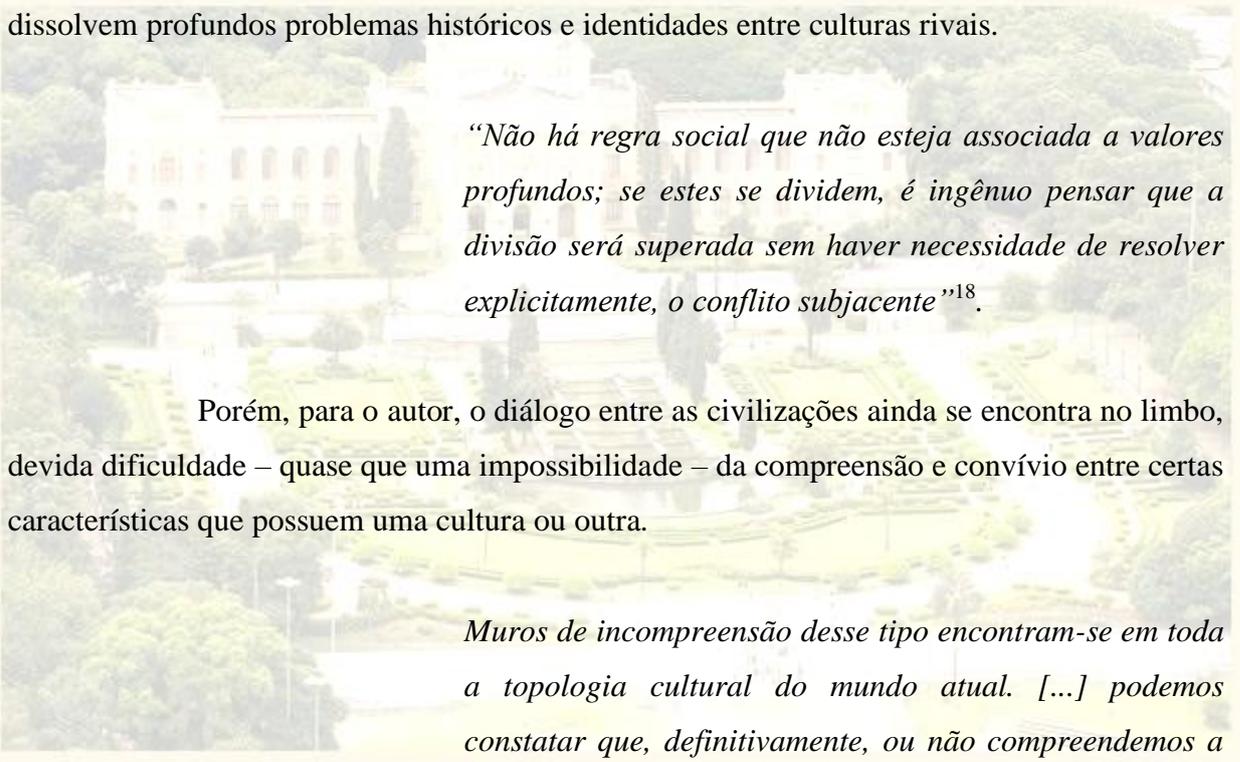
<sup>12</sup> Cf. SAID, Edward W. *Orientalism*. 25th anniversary edition, New York: Vintage Books, 2004.

<sup>13</sup> NEMO, *op. cit.*, 2004, p. 154.

<sup>14</sup> Trecho original: “[...] est aussi absurde qu'un jeu où chaque joueur prétendrait jouer selon ses propres règles.” (*Ibid.*, p. 124, tradução minha).

‘maior denominador comum’<sup>15</sup> – seria “por definição, empobrecedora”<sup>16</sup>. Não é possível também contar com o pragmatismo, já que trocas econômicas, cooperação política, viagens, turismo e migrações, por si só, também não vai desenvolver uma visão comum de mundo<sup>17</sup>. Neste ponto, o autor faz uma crítica a estas fórmulas, porém não expõe argumentos contra, mantendo o texto criticamente pobre. O autor também não expõe uma solução ou alternativa mais viável.

Segundo Nemo, para um verdadeiro diálogo entre as civilizações, convém excluir o diálogo concebido como uma negociação política, ou seja, que partiria da hipótese de que o acordo só pode ser encontrado mediante concessões recíprocas. O diálogo entre as civilizações não pode obedecer à lógica da diplomacia, já que seus frutos são frágeis e não dissolvem profundos problemas históricos e identidades entre culturas rivais.



*“Não há regra social que não esteja associada a valores profundos; se estes se dividem, é ingênuo pensar que a divisão será superada sem haver necessidade de resolver explicitamente, o conflito subjacente”<sup>18</sup>.*

Porém, para o autor, o diálogo entre as civilizações ainda se encontra no limbo, devida dificuldade – quase que uma impossibilidade – da compreensão e convívio entre certas características que possuem uma cultura ou outra.

*Muros de incompreensão desse tipo encontram-se em toda a topologia cultural do mundo atual. [...] podemos constatar que, definitivamente, ou não compreendemos a cultura do Outro ou, então, o que é pior, a rejeitamos com uma veemência tanto maior quanto melhor a compreendemos<sup>19</sup>.*

<sup>15</sup> Trecho original: “[...] qui consiste à rechercher un « plus grand dénominateur commun » [...]” (*Ibid.*, p. 124, tradução minha).

<sup>16</sup> Trecho original: “[...] est par définition appauvrissante.” (*Ibid.*, p. 124, tradução minha).

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 124.

<sup>18</sup> Trecho original: “Il n'est pas de règles sociales qui ne soient liées à des valeurs profondes, et si celles-ci divisent, il est naïf de penser qu'on surmontera la division sans avoir besoin de résoudre explicitement ce conflit sous-jacent.” (*Ibid.*, p. 124, tradução minha).

<sup>19</sup> Trecho original: “Des murs d'incompréhension de ce type, il en existe dans toute la topologie culturelle du monde actuel. Partout, comme dans les deux cas esquissés ci-dessus, nous pouvons constater, ou bien que nous

Como exemplo de incompatibilidade de culturas e visões de mundo, o autor evoca o xiismo e o *modus vivendi* japonês. De fato, estas culturas possuam características bastante distintas do “mundo ocidental” – o que quer que seja ele –, como podemos observar no livro *The chrysanthemum and the sword: patterns of Japanese culture*, da antropóloga estadunidense Ruth Benedict, publicado pela primeira vez em 1946, fruto de pesquisa realizada pela autora para que os EUA compreendessem o povo japonês no contexto da Segunda Guerra Mundial<sup>20</sup>, citado por Nemo para basear esta proposta. No entanto, o autor infelizmente fundamenta sua ideia com um desfile de estereótipos – chegando, por exemplo, à afirmação falaciosa de os xiitas serem eventualmente “fanáticos religiosos e violentos”<sup>21</sup>.

Nemo também recorre à ideia demasiadamente superficial de grandes blocos civilizatórios, de feição interna praticamente homogênea. Esta concepção pode ser observada no livro, citado por Nemo, *The clash of civilizations and the remaking of world order*<sup>22</sup>, do cientista político estadunidense Samuel P. Huntington, publicado em 1996, a partir do artigo “The Clash of Civilizations?”<sup>23</sup>, de 1993. Neste livro, Huntington propõe uma leitura do mundo pós-Guerra Fria a partir de nove grandes blocos compostos pelo que chama de “grandes civilizações” (*major civilizations*): (1) Ocidental (*Western*); (2) Ortodoxa (*Orthodox*); (3) Islâmica (*Islamic*); (4) Budista (*Buddhist*); (5) Hindu (*Hindu*); (6) Africana (*African*); (7) Latino-americana (*Latin American*); (8) Sínica (*Sinic*); e (9) Japonesa (*Japanese*). Estes blocos estariam fadados a se chocar e entrar em conflito entre si e estes conflitos seriam o que moveria a política internacional após o fim da Guerra Fria. Huntington está criticando a ideia hegeliana “Fim da História” proposta pelo cientista político também estadunidense Francis Fukuyama, no artigo “The End of History?”<sup>24</sup>, de 1989, que culminou no livro *The End of History and the Last Man*<sup>25</sup>, de 1992.

A teoria de Huntington foi criticada, principalmente devido a seu reducionismo e narrativa conveniente à manutenção do imperialismo estadunidense pós-Guerra Fria, agora

---

ne comprenons décidément pas la culture de l'Autre, ou bien, ce qui est pire, que nous la refusons avec d'autant plus de véhémence que nous la comprenons mieux.” (*Ibid.*, p. 128, tradução minha).

<sup>20</sup> Cf. BENEDICT, Ruth. *The chrysanthemum and the sword: patterns of Japanese culture*. Wilmington: Mariner Books, 2006.

<sup>21</sup> NEMO, *op. cit.*, 2004, p. 126.

<sup>22</sup> Cf. HUNTINGTON, Samuel P. *The clash of civilizations and the remaking of world order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

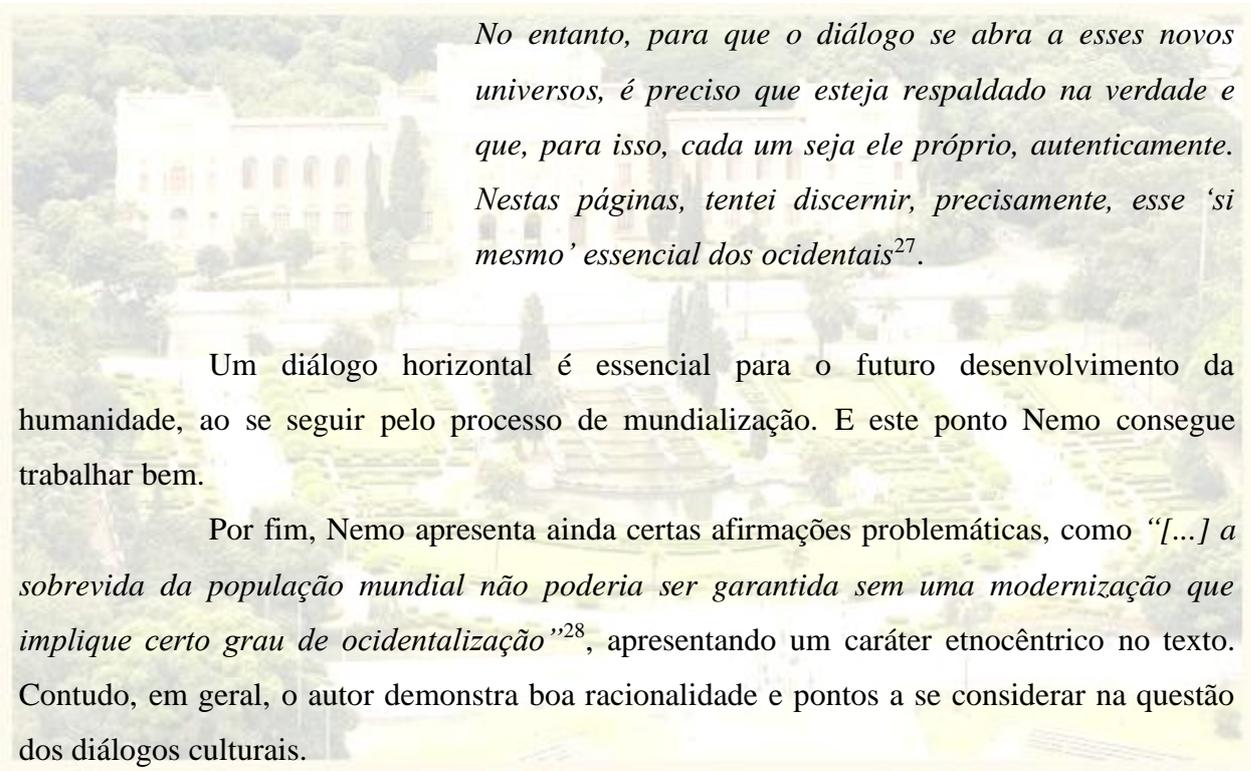
<sup>23</sup> *Id.*, The Clash of Civilizations?. *Foreign Affairs*, Vol. 72, No. 3, p. 22-49, Summer, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20045621>. Acesso em: 01 dez. 2022.

<sup>24</sup> Cf. FUKUYAMA, Francis. The End of History?. *The National Interest*, Summer, 1989. Disponível em: <http://www.wesjones.com/eoh.htm>. Acesso em: 01 dez. 2022.

<sup>25</sup> *Id.* *The End of History and the Last Man*. New York: Free Press, 1992.

voltado contra os países subdesenvolvidos. Entre estas críticas, vale ser mencionada *La peur des barbares. Au-delà du choc des civilisations*, de 2008, do filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov, na qual o autor propõe uma ressignificação dos termos civilização e barbárie com base não na diferença, conflito ou em uma pretensa relação de superioridade e inferioridade cultural, mas sim na capacidade ou incapacidade de ver as outras culturas como possuidoras de um igual valor<sup>26</sup>.

É vital que se conheça quem são os novos agentes de diálogo cultural para quem, desta forma, saiba-se pensar as devidas soluções na realização de um diálogo efetivo, que preserve a diversidade e que seja cosmopolita para aceitar o outro.



*No entanto, para que o diálogo se abra a esses novos universos, é preciso que esteja respaldado na verdade e que, para isso, cada um seja ele próprio, autenticamente. Nestas páginas, tentei discernir, precisamente, esse 'si mesmo' essencial dos ocidentais<sup>27</sup>.*

Um diálogo horizontal é essencial para o futuro desenvolvimento da humanidade, ao se seguir pelo processo de mundialização. E este ponto Nemo consegue trabalhar bem.

Por fim, Nemo apresenta ainda certas afirmações problemáticas, como “[...] a sobrevivência da população mundial não poderia ser garantida sem uma modernização que implique certo grau de ocidentalização”<sup>28</sup>, apresentando um caráter etnocêntrico no texto. Contudo, em geral, o autor demonstra boa racionalidade e pontos a se considerar na questão dos diálogos culturais.

Como uma sugestão de debate ao posicionamento de Nemo acerca do diálogo intercultural, podemos citar a hermenêutica diatópica, do teólogo e filósofo espanhol Raimon (Raimundo) Panikkar, apresentado no livro *Myth, Faith and Hermeneutics*, de 1979. Sobre a hermenêutica diatópica, entende Panikkar:

---

<sup>26</sup> Cf. TODOROV, Tzvetan. *La peur des barbares. Au-delà du choc des civilisations*. Paris: Robert Laffont, 2008.

<sup>27</sup> Trecho original: “Mais, pour que le dialogue débouche sur ces nouveaux univers, il faut qu'il soit mené en vérité, et pour cela que chacun y soit authentiquement lui-même. C'est ce « soi-même » essentiel des Occidentaux que j'ai tenté de cerner dans ces pages.” (NEMO, *op. cit.*, 2004, p. 129, tradução minha).

<sup>28</sup> Trecho original: “Nous avons admis plus haut que la survie de la population mondiale ne pouvait être désormais assurée sans une modernisation impliquant un certain degré d'occidentalisation.” (*Ibid.*, p. 123, tradução minha).

*Entendo por hermenêutica diatópica uma reflexão temática sobre o fato de que os loci (topoi) de culturas historicamente não-relacionadas tornam problemáticas a compreensão de uma tradição com as ferramentas de outras e as tentativas hermenêuticas de preencher essas lacunas.*<sup>29</sup>

Ainda sobre diálogos interculturais, Panikkar também trabalha com o conceito de homeomorfismo. Em *The Intrareligious Dialogue*, de 1978, entende o autor por equivalente homeomórfico: “Homeomorfismo não é o mesmo que analogia; ele representa um equivalente funcional específico, descoberto através de uma transformação topológica. [...] um tipo de analogia funcional existencial”<sup>30</sup>.

A noção de hermenêutica diatópica de Panikkar, principalmente quando aplicada à questão da interculturalidade e dos diálogos interculturais frente aos Direitos Humanos, como observado no artigo “Is the Notion of Human Rights a Western Concept?”<sup>31</sup>, de 1984, influenciou diversos outros autores que trabalham sobre o tema, como o filósofo e teólogo estadunidense-franco-canadense Robert Vachon, como pode ser constatado no artigo “L’étude du pluralisme juridique: une approche diatopique et dialogale”<sup>32</sup>, de 1990, e o sociólogo e jurista português Boaventura de Sousa Santos, como pode ser constatado no artigo “Por uma concepção multicultural de direitos humanos”<sup>33</sup>, de 1997.

<sup>29</sup> Trecho original: “By diatopical hermeneutics I understand a thematic reflection on the fact that the loci (topoi) of historically unrelated cultures make it problematic to understand one tradition with the tools of another, and the hermeneutical attempt to bridge such gulfs.” (PANIKKAR, Raimundo. *Myth, Faith and Hermeneutics*. New York: Paulist Press, 1979, p. 8).

<sup>30</sup> Trecho original: “Homeomorphism is not the same as analogy; it represents a peculiar functional equivalence discovered through a topological transformation. [...] a kind of existential functional analogy” (PANIKKAR, Raimundo. *The Intrareligious Dialogue*. New York: Paulist Press, 1978, p. xxii).

<sup>31</sup> *Id.* Is the Notion of Human Rights a Western Concept?. *Interculture*, n. 82, janvier-mars 1984.

<sup>32</sup> VACHON, Robert. L’étude du pluralisme juridique: une approche diatopique et dialogale. *The journal of legal pluralism and unofficial law*, n. 29, p. 163-173, 1990.

<sup>33</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 429-461.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi realizada a análise crítica da definição de Ocidente proposta pelo filósofo francês Phillipe Nemo, presente em seu livro *Qu'est-ce que l'Occident?*, de 2004.

Como exposto, a concepção de Ocidente de Nemo – uma “civilização” baseada no Estado de direito, a democracia, as liberdades Intelectuais, a racionalidade crítica, a ciência, uma economia baseada na propriedade privada, que englobaria os países do Europa Ocidental e da América Anglo-Saxônica – está baseada em premissas superficiais, etnocêntricas e incompletas.

Para corroborar com sua concepção de Ocidente, o autor acaba por enviesar as informações usadas como fundamentação, ignorando conflitos e ressaltando semelhanças entre as culturas e grupos que comporiam este bloco. Acaba se tornando não um trabalho de investigação e construção de uma ideia, mas apenas um exercício de justificar uma ideia que previamente possuía.

Por sua vez, ao refletir sobre o contexto histórico e social no qual foi publicado *Qu'est-ce que l'Occident?*, em 2004, de ascensão de uma identidade “Ocidental” frente àqueles provenientes dos países não-Ocidentais, subdesenvolvidos, a partir do medo pós-11 de setembro de 2001, na América Anglo-Saxônica e na Europa Ocidental, é possível perceber o pano de fundo que alimentou as ideias do autor francês.

Com isso, é possível concluir que não apenas a definição de Nemo, mas a própria noção de Ocidente pode se encontrar superado, trazendo a necessidade de se formar novas concepções para se observar as relações internacionais e interculturais na contemporaneidade.

## BIBLIOGRAFIA

BENEDICT, Ruth. *The chrysanthemum and the sword: patterns of Japanese culture*. Wilmington: Mariner Books, 2006.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, volume 1: Uma história dos costumes* (Título original: *Über den Prozeß der Zivilisation, vol. 1*). Tradução de Ruy Jungman. 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.



FUKUYAMA, Francis. The End of History?. *The National Interest*, Summer, 1989. Disponível em: <http://www.wesjones.com/eoh.htm>. Acesso em: 01 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. *The End of History and the Last Man*. New York: Free Press, 1992.

HUNTINGTON, Samuel P. The Clash of Civilizations?. *Foreign Affairs*, Vol. 72, No. 3, p. 22-49, Summer, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20045621>. Acesso em: 01 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. *The clash of civilizations and the remaking of world order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire*. Réédition, Paris: Denoël; Unesco, 1987.

NEMO, Philippe. *Qu'est-ce que l'Occident?*. Paris: PUF, 2004, Coll. Quadrige.

PANIKKAR, Raimundo. Is the Notion of Human Rights a Western Concept?. *Interculture*, n. 82, janvier-mars 1984.

\_\_\_\_\_. *Myth, Faith and Hermeneutics*. New York: Paulist Press, 1979.

\_\_\_\_\_. *The Intrareligious Dialogue*. New York: Paulist Press, 1978.

SAID, Edward W. *Orientalism*. 25th anniversary edition, New York: Vintage Books, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 429-461.

TODOROV, Tzvetan. *La peur des barbares. Au-delà du choc des civilisations*. Paris: Robert Laffont, 2008.

VACHON, Robert. L'étude du pluralisme juridique: une approche diatopique et dialogale. *The journal of legal pluralism and unofficial law*, n. 29, p. 163-173, 1990.

All Rights Reserved © Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito

ISSN da versão impressa: 2236-5796

ISSN da versão digital: 2596-111X

[academiapaulistaeditorial@gmail.com/diretoria@apd.org.br](mailto:academiapaulistaeditorial@gmail.com/diretoria@apd.org.br)

[www.apd.org.br](http://www.apd.org.br)



This work is licensed under a [Creative Commons License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)